
Kilombo-comunicar: o propriamente comunicacional nas práticas das mulheres Kalunga¹

Letícia Benevides Araújo Almeida²
Ana Rita Vidica Fernandes³
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

Resumo

Este artigo propõe identificar o que há de propriamente comunicacional nas práticas das mulheres quilombolas⁴, especialmente o quilombo Kalunga localizado em Goiás. O quilombo é um lugar de resistência, socialização e existência de mulheres negras e homens negros, acredita-se que o coletivo pertencente nestes territórios é capaz de expor uma comunicabilidade única, decolonial e libertadora. Pretende-se observar as práticas das mulheres quilombolas a fim de identificar os aspectos comunicacionais do processo a partir dos tensionamentos entre as comunicabilidades e incomunicabilidades. Conclui-se que os quilombos e suas práticas vão além do especificamente comunicacional.

Palavras-chave: comunicação; quilombolas; mulheres Kalunga; epistemologia.

1. Introdução

Pensar sobre o que as práticas das mulheres Kalunga podem revelar sobre o comunicacional me faz caminhar por um terreno ainda desconhecido por mim⁵. Um território que não fui fisicamente, mas que o percorro em leituras, em filmes e músicas. Território Kalunga que carrega conhecimento em sua oralidade, em suas casas, no tear dos fios, nas raízes das árvores retorcidas do cerrado, nos remédios fabricados pelas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) pela Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal de Goiás. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: leticiabene.a@gmail.com.

³ Doutora em História pela UFG com doutorado-sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales em Paris. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM/UFG). Orientadora do trabalho. E-mail: ana_rita_vidica@ufg.br.

⁴ Ao longo do texto quilombo, quilombola, quilombismo serão escritos iniciando com a letra "k" com a intenção de demarcar a origem do termo dos povos de línguas bantu (quilombo, portuguêsado: quilombo). Essa escolha de grafia também revela a contracolonialidade da pesquisa e a vontade de proximidade com as comunidades quilombolas.

⁵ Este texto contribui para a construção da minha pesquisa de doutorado, intitulada provisoriamente “Eu e o cinema produzido por mulheres negras: encontros e diálogos no quilombo”, sob a orientação da outra autora do texto, Ana. A pesquisa ainda está em aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Assim que aprovada, iniciarei as visitas ao quilombo e o contato com as mulheres Kalunga.

mãos das mulheres quilombolas, nas festividades, nas danças e nas roupas. Braga (2019) estimula que avancemos em espaços desconhecidos para produzir novos conhecimentos a partir do tensionamento de teorias conhecidas:

Diversamente, em boa parte do tempo, devemos sair em terreno desconhecido – e, se nesse espaço trazemos conosco teorias, não é para servi-las ou prestar-lhes obediência, e sim para acioná-las a serviço de nosso objetivo de pesquisa: produzir conhecimento outro, em qualquer abrangência ou complexidade que seja. Nesse espaço, temos o direito (senão mesmo o dever) de tensionar e contestar teorias; e de só acioná-las se efetivamente servirem ao objetivo de descoberta. (Braga, 2019, p. 50).

Vou neste exercício proposto, não para levar as teorias da comunicação para compreender as práticas das mulheres Kalunga, mas ao contrário para tensioná-las com a intenção de observar essas práticas e tentar identificar o que podem revelar. Assim, este artigo tem por objetivo identificar as características comunicacionais presentes nas vivências das sujeitas⁶ da pesquisa, as mulheres kalunga, a fim de "desentranhar o comunicacional" (Braga, 2020). Este desentranhamento comunicacional corresponde em desenvolver perguntas e tensionamentos para além dos feitos em outras disciplinas, questionamentos estes únicos da comunicação.

Segundo Braga (2019), as teorias surgem relacionadas aos processos práticos. Esta prática imbricada na teoria parece fazer parte dos costumes quilombolas que, ao cultivar suas plantas, ao compartilhar suas histórias de geração em geração, ao caminhar pelo cerrado, ao produzir seus alimentos, ao fazer seus remédios, produzem conhecimento e teorias gravadas na oralidade. Três fazeres práticos são estruturantes para a teoria: "a. o que as teorias fazem: em sua gênese; b. o que as teorias fazem: em sua formulação; c. o que podemos fazer as teorias fazerem." (Braga, 2019, p. 50). As articulações teórico-práticas implicam em tensionar teorias e sujeitas.

No mesmo caminho, Signates (2022) propõe uma metateoria das tensões entre comunicabilidades e incomunicabilidades implicadas nas características das práticas, nesta pesquisa, das mulheres Kalunga. "Uma metateoria [...] deve se constituir como um

⁶ Utilizo sujeitAS, no feminino, para demarcar a questão do gênero também na escrita. Aqui não as vejo como mero "objeto de pesquisa", pronta para serem recortadas, dissecadas e analisadas, mas sim como sujeitas que são únicas, individuais, com suas histórias, afetos e vínculos. Para a tese de doutoramento pretendo também trazer estas mulheres para que possamos fazer a pesquisa em conjunto.

arranjo epistemológico-comunicacional, dentro do qual a noção de comunicação, em várias definições, seja central para o pensamento." (p.16).

Assim, para realizar uma metateoria se faz necessário investigar o que é especificamente comunicacional das práticas dessas mulheres quilombolas. Porém, acredita-se que os quilombos e suas práticas vão além de um especificamente comunicacional por construir sua epistemologia a partir da oralidade, dos sentimentos, dos vínculos, da ancestralidade, dos afetos, dos alimentos, das colheitas, dos ritos. Na tentativa de evitar um fechamento de possibilidades, procuramos o que há de "propriamente comunicacional" (Braga, 2019) nas comunicabilidades e incomunicabilidades.

2. Uma breve perspectiva do Kilombo Kalunga

O Kilombola Kalunga está localizado em Goiás, na região nordeste do estado. Está concentrado nas cidades de Monte Alegre, Cavalcante e Teresina de Goiás, na região da Chapada dos Veadeiros. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, patrimônio natural mundial, também está concentrado na região quilombola. A comunidade Kalunga abriga a maior área de cerrado preservado do Brasil e ocupa um dos maiores índices de biodiversidade do mundo. "O Quilombo Kalunga é o maior quilombo do Brasil, estendido ao longo de 253.000 hectares e é constituído por 56 comunidades."⁷

Mari de Nazaré Baiocchi (1995), a primeira pesquisadora a publicar sobre os quilombos Kalunga, descreve a origem do nome do quilombo: "Kalunga, palavra bantu, é sinônimo de divindade. [...] Já para os habitantes do Vão do Moleque, Ribeirão dos Bois, Vão das Almas, Contenda e Kalunga, é o nome de uma planta." (Baiocchi, 1995, p. 109).

Desde Baiocchi (1995), se percebe a importância das relações dos quilombolas com o território, é na relação com a terra que se mantém a comunidade e identidade. A pesquisadora ao utilizar do termo "banto" para definir Kalunga como "Terra Sagrada" mostra essa conexão com o território, quase como um ser, que é sagrado para as populações quilombolas. Assim, o "[...] quilombo passa a representar as lutas de homens

⁷ In: Estudo de Caso: Comunidade Quilombola Kalunga, 2014, p. 2. Disponível em: <https://porlatierra.org/docs/a72dac0268841fe42cab6fe0380d039d.pdf>. Acesso em 5 fev. 2025.

e mulheres para terem um refúgio onde pudessem reconstituir seus modos de vida em liberdade." (Rodrigues, 2023, p. 83). O território carrega também significações identitárias porque se conecta com a terra coletivamente mantendo seus traços culturais.

Profundamente ligados às suas cosmovisões, suas religiosidades, crenças e costumes de suas ancestralidades, os Kalunga se fixaram "nessas regiões isoladas por meio da construção de seus saberes e fazeres, [...] Esses conhecimentos perpetuaram e se transformaram ao longo dos séculos em constante relação com o socioambiente em que foram constituídos" (Rodrigues, 2023, p. 85).

As comunidades quilombolas do cerrado, mantêm seus saberes e fazeres por meio de uma tradição oral, passada de pais para filhos, de avós para netos, entre primos e sobrinhos, cruzando os anos, os séculos, se valendo de uma memória ancestral que tecem suas vivências com o cerrado, perpetuando esses conhecimentos. Conhecimentos estes que estão no quintal, na cozinha, nas raízes das árvores retorcidas, no sol intenso do inverso, nas águas correntes das cachoeiras, nas mãos das Kalunga.

3. Kilombo-comunicar: uma tentativa metateórica do propriamente comunicacional a partir das comunicabilidades e incomunicabilidades das práticas das mulheres Kalunga

Braga (2019) propõe realizar um trabalho interativo da comunicação por meio da heurística, a partir de generalizações que servem como hipóteses para novas investigações. Os pressupostos heurísticos são provisórios, fluidos e direcionam a pensar os fatos empíricos. Vamos nessa fluidez do empirismo, como se seguissemos os rastros deixados pelos quilombolas em seus caminhos, como as águas que carregam as histórias ao longo das gerações e o tear das mulheres que constroem pensamentos, para pensar o propriamente comunicacional.

O heurístico aqui, ao invés de nos trazer respostas, tem por objetivo nos permitir trazer novas percepções e implicações. Para realizar o tensionamento do fenômeno comunicacional com as teorias dos campos vizinhos, aqui os quilombos, Braga (2020) mostra a necessidade de realizar uma analítica para que sejam refeitas as teorias intermediárias a partir do problema de pesquisa. Para realizar uma analítica é preciso "levantar características de processos relativos ao comunicacional – a partir de uma perspectiva que assume este fenômeno como principal, não como epifenômeno de

outras questões ou categorias elaboradas em outras áreas de conhecimento” (Braga, 2020, p.106). Assim, Braga (2020) nos instiga ao dizer que, ao invés de observar a teoria em busca do que elas têm a dizer sobre a comunicação, a nossa intenção é buscar "qual é a questão comunicacional, o problema aí presente?". Ao olhar para as práticas das mulheres Kalunga o importante é "perceber as estratégias e os objetivos específicos que, em seus encaminhamentos, acionam e desenvolvem processos comunicacionais." (p. 106).

Na tentativa do comunicacional ser revelado dentro de outras teorias, Braga (2019) aponta que as teorias devem ser ocupadas como materiais de trabalho. “[...] Quaisquer acionamentos feitos de teorias devem decorrer de necessidades do objeto – ou seja, das próprias estratégias voltadas para o enfrentamento do problema, para apreensão e interpretação dos observáveis. (Braga, 2019, p. 54-5).

Vamos neste caminho de Braga (2019) que vê a importância de compreender o que as teorias fazem e como elas são acionadas com a necessidade dos objetos e neste texto, as sujeitas. "Não há regras fechadas para o acionamento teórico – este deve ser tentativamente exercido. Mas a prática na apreensão dos fazeres da própria teoria, abordados no item anterior, favorece seu uso pertinente." (p. 55). Ao kilombo-comunicar, também trazemos as histórias das kilombolas e de quem as observa, nesta tentativa de erros e acertos que constroem uma possibilidade de comunicabilidade.

Na mesma perspectiva, Signates (2022) sugere a metateoria para desenvolver uma compreensão em comunicação evitando a dispersão (tão comum nos estudos em comunicação) e se aproveitando da diversidade teórica do tema. A metateoria é um arranjo epistemológico-comunicacional em que a comunicação está centralizada no pensamento. O objeto, neste caso, as sujeitas devem ser inseridas no campo metateórico em que a comunicação é central para a pesquisa e os limites se dão nas comunicabilidades e incomunicabilidades do tensionamento comunicacional. Para pensar as comunicabilidades foram observadas a capacidade de estabelecer uma troca e criar entendimentos comuns. Já para a incomunicabilidade é percebida como as barreiras que impedem estas trocas, os ruídos, preconceitos, isolamentos.

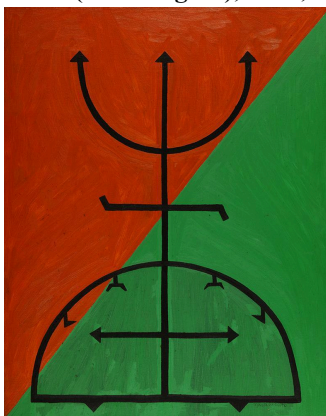
Seguindo os caminhos de Signates (2022) e Braga (2020), destacamos as principais características das práticas das mulheres Kalunga, a partir das reflexões

teóricas no tópico anterior na tentativa de refletir sobre o propriamente comunicacional a partir das comunicabilidades e incommunicabilidades.

3.1. Kilombismo, casa e facção enquanto comunicabilidades

O kilombismo emerge como uma alternativa de acesso à histórica presença negra de resistência, tendo como objetivo reestruturar as dinâmicas de sobrevivência às práticas de racismos, sobretudo o racismo institucionalizado. Esta reestruturação parece revelar uma comunicabilidade própria da população negra que reivindica seu direito de olhar para as próprias histórias, as conceituando e teorizando. Abdias Nascimento, ao criar o kilombismo, o representa a partir dos orixás Exu e Ogum, reunindo os princípios da comunicação, contradição e dialética (Exu) com os da inovação tecnológica e do compromisso de luta (Ogum).

Figura 2: Quilombismo (Exu e Ogum), 1980, Abdias Nascimento



Reprodução fotográfica Miguel Pacheco e Chaves, RCS Digital⁸

De maneira estética, Abdias Nascimento elabora a lógica kilombista "trazendo ao topo o tridente de Exu, que simboliza a capacidade comunicacional do quilombismo, e na parte inferior o arco e flecha de Ogum, que simboliza o potencial de resistência e autopreservação, respectivamente." (Lustosa, 2023, p. 113). Esta capacidade comunicacional do kilombismo parece revelar o propriamente comunicacional desta prática em que, ao se rebelar contra o racismo, os preconceitos e a colonização, os quilombolas estabelecem uma forma própria de preservarem sua ancestralidade, sua conexão com a negritude que muitas vezes levada pelo racismo institucional.

⁸ Acervo IPEAFRO. Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra68791/quilombismo-exu-e-ogum>. Acesso em 4 set. 2024.

A casa parece revelar outra comunicabilidade. Marta Kalunga, ao reivindicar seu direito a olhar, encarando a câmera, quase como se nos atravessasse e nos fizesse nos envergonhar do olhar colonizador que temos sob os kilombolas, está dentro de sua casa. Marta Kalunga constrói a "Casa Memória da Mulher Kalunga", mais uma vez, uma casa, uma casa que guarda a memória. O que as paredes, a cozinha, o quintal, os quartos, o banheiro, o chão de terra, a área, as árvores em volta da casa, podem nos dizer? O que a casa das famílias Kalunga pode nos revelar? Bispo (2023) fala da sua relação com a casa e da diferença de casa nas cidades e nos quilombos. “Nas cidades, as pessoas não sabiam fazer suas próprias casas, como sabíamos fazer no lugar de onde viemos. Não sabiam e ficavam dependendo de outros que as fizessem por elas. Onde nasci e fui criado, todo mundo tinha casa. [...]” (Bispo, 2023, p. 9-10). Bispo ainda aponta como criavam uma comunicação com o lugar: “Onde nasci e fui criado, desde criança, íamos observando, achávamos um lugar bonito, **criávamos uma relação, uma comunicação com o lugar**. E marcávamos: “Vou fazer a minha casa aqui”. (Bispo, 2023, p. 9-10, grifos feitos por nós).

Nos quilombos você cria uma relação, uma comunicação com a casa e com o lugar. Na medida em que os kilombolas se comunicam com a casa e a casa se comunica com eles. As paredes construídas por materiais do cerrado, no caso dos Kalunga, a partir da sabedoria ancestral e da coletividade, revelam uma comunicabilidade única quilombola, quase como se estas paredes sussurrassem conhecimentos centenários. Bispo (2023) aponta que o local mais importante da casa no quilombo é o quintal porque é onde as crianças aprendem a fazer tudo. É também onde as famílias reservam um espaço para construir as casas das próximas gerações. “Na casa da minha filha, por exemplo, há espaço para fazer a casa do filho dela. Nossas casas são pensadas com espaço para fazer outras casas. (Bispo, 2023, p. 37).

O facão se revela na fala de Marta Kalunga, ao espantar um homem estrangeiro que a assediou. Neste momento Marta fala “vou mostrar o que é a mulher Kalunga”. O facão também é um instrumento que serve as Kalunga para cortar as cascas das árvores do cerrado para fazer tinturas para as linhas de algodão, abrir a mata, auxiliar no cuidado com as plantas. Este utensílio portado pelas mulheres comunica sua força, sua manualidade, sua coragem, seu feminino. O facão parece revelar uma comunicabilidade das mulheres kalunga, que muitas vezes é negada às mulheres das cidades, que nós

somos portadoras das nossas próprias histórias, nós mesmas podemos abrir nossos próprios caminhos e nos defender. A fala de Marta mostra a complexidade que é ser uma mulher kalunga, que cuida e que espanta, que é delicada como os vestidos que usa e que é forte como os troncos retorcidos.

Ao kilombo-comunicar, homens e mulheres Kalunga sobrevivem, perpetuam sua existência para além das incomunicabilidades impostas socialmente, vivem, amam, colhem, tecem, estudam, produzem conhecimentos, reivindicam seu direito a olhar.

3.2. Fuga, isolamento, racismo e capitães do mato enquanto incomunicabilidades

As incomunicabilidades parecem se revelar quando Marta fala como os estrangeiros têm a imagem que os Kalunga são preguiçosos, não gostam de trabalhar, não produzem conhecimento. Estes preconceitos parecem ser um reflexo da definição de Kuilombo do Conselho Ultramarinho de 1740, que após séculos ainda os colocam como "fugitivos do trabalho". Almeida (2011), ainda aponta como características que aparecem combinadas quando se pensava em kilombo: o isolamento, como se fossem selvagens ao contrário do que teria como civilizado; e o pilão como um rastro onde os kilombolas estariam escondidos. "O pilão, enquanto instrumento que transforma o arroz colhido em alimento, representa o símbolo do autoconsumo e da capacidade de reprodução." (Almeida, 2011, p. 60). Isso tudo revela o senso-comum "que tratam os quilombos fora do mundo da produção e do trabalho, fora do mercado. Este impressionismo gerou um outro tipo de divisão que descreve os quilombos marginalmente, fora do domínio físico das *plantations*." (Almeida, 2011, p. 60). Estas cinco características revelam a incomunicabilidade do racismo que perpetua até hoje nas cidades.

Na comunicabilidade do facão percebemos a incomunicabilidade do machismo que tenta objetificar Marta e outras mulheres, não só kilombolas. Sabemos que mulheres, em especial, mulheres negras são tidas como objeto de desejo por homens que as colocam como um bem que deve ser usado. O machismo a mulheres negras retintas é ainda mais violento, as colocando muitas vezes em lugar de solidão por "servirem" apenas para o cuidado e nunca para ser amada, querida, namorada.

Outro aspecto importante que parecem revelar a incomunicabilidade é a dormência das memórias africanas, em que pessoas negras de fora dos quilombos não se

conectam, não se comunicam, não sabem, sobre as histórias de seus ancestrais, dos que vieram antes e seus ensinamentos. Nascimento (2019) aponta como exemplo a figura dos capitães-de-mato:

A citação dos capitães-de-mato é importante: via de regra eram eles mulatos, isto é, negros de pele clara assimilados pela classe dominante. Em nossos dias ainda podemos encontrar centenas, milhares, desses negros que vivem uma existência ambigua. Não pelo fato de possuírem o sangue do branco opressor, mas porque internalizando como positiva a ideologia do embranquecimento (o branco é o superior e o negro o inferior) se distanciam das realidades do seu povo e se prestam ao papel de auxiliares das forças repressivas do supremacismo branco. E tanto ontem quanto hoje, os serviços que se prestam à repressão se traduzem em lucro social e lucro pecuniário. (Nascimento, 2019, p. 258).

Os capitães-de-mato vivem até hoje em sociedade por terem aprendido com os brancos a ideologia do embranquecimento. Esta forma de se sentirem aproximados com o sistema que oprime os negros retintos parece mostrar a incomunicabilidade que a dormência da história negra, combinada com o rascimo, perpetua.

Considerações finais

O esforço para pensar o propriamente comunicacional nas práticas das mulheres Kalunga é destacada através das características mencionadas ao observar estas sujeitas. Desta forma, criamos o termo kilombo-comunicar, uma possibilidade de comunicação única dos kilombolas que explicita seus conhecimentos pela oralidade, sua ancestralidade, sua lida com a roça, os cuidados com a casa e crianças, a feitura das casas, os caminhos das trilhas.

No entanto, se percebe a primeira limitação deste texto, a falta da prática tão cara para Braga (2020), mesmo que a teoria está na prática, foi encontrado diversos materiais sobre Kalunga, mas pouquíssimos em que as Kalunga falassem de si mesmas, como é o caso do filme Marta Kalunga. Alguns destes materiais, por terem sido feitos há mais de 20 anos, também revelam uma perspectiva colonizadora, de olhar para a comunidade Kalunga como objeto a ser estudado e não como partilha de conhecimentos.

O kilombo-comunicar é o começo de uma tentativa de articulações metateóricas entre as áreas para realizar um tensionamento comunicacional (Signates, 2022) e o acionamento das teorias para pensar a comunicação (Braga, 2019). Através das

perguntas comunicacionais foi possível pensar nas comunicabilidades e incomunicabilidade das práticas das mulheres Kalunga e dos quilombos. Mesmo que este trabalho se trata de uma abordagem qualitativa, percebe-se mais uma limitação ao observar as práticas de apenas uma mulher Kalunga.

Para pensar sobre este propriamente comunicacional, pretende-se aumentar esta amostragem, a tornando mais heterogênea com mulheres Kalunga de diferentes idades, vivências, sexualidade e escolaridade. Marta Kalunga é apenas o começo desta tentativa metateórica de quilombo-comunicar.

Referências

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno. Os quilombos e as novas etnias. In: LEITÃO (org.) **Direitos Territoriais das Comunidades Negras Rurais**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

BAIOCCHI, Mari de Nazaré. **A SAGRADA TERRA**. Rev. Fac. Dir. UFG, v. 19/20, n. 1, p. 107-120, jan./dez. 1995.

BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. **Revista Galáxia**, São Paulo, (online), no 41, maio-ago., 2019, p. 48-61.

BRAGA, José Luiz. Teorias intermediárias: uma estratégia para o conhecimento comunicacional. **Matrizes**, v. 14, no 2 maio/ago. 2020 São Paulo: ECA/USP, p.101-117.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

MARTA KALUNGA. Direção: Marta Kalunga, Lucinete Moraes e Thaynara Rezende. Pesquisa: Lucinete Moraes. Roteiro: Marta Kalunga e Lucinete Moraes. Produção Executiva: Lucinete Moraes. Produção: Lucinete Moraes e Marta Kalunga. Cavalcante. Goiás. Brasil, 2022 (30 min).

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo - Documentos de uma militância pan-africanista**. Editora Perspectiva SA, 2019.

SIGNATES, Luiz. **Da exogenia aos dispositivos: roteiro para uma teorização autônoma da comunicação**. In: LÍBERO, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 143-152, jul./dez. 2015.

SIGNATES, Luiz. Por uma metateoria das tensões comunicacionais: fundamentos para um objeto metateórico na ciência da comunicação. **Anais do 31º Encontro Anual da Compós**, Imperatriz-MA, UFMA, 2022.